

## Cultura e arte como direito básico: a experiência de muralismo na ocupação Bubas

*La cultura y el arte como derecho básico: la experiencia del muralismo en la ocupación Bubas*

**Dra. Michele Dacas<sup>1</sup>**

### Resumo

Entendendo a arte como uma forma de expressão e construção criativa da vida, dos sujeitos e do território o projeto foi concebido para reconhecer e dar visibilidade a memória individual e coletiva dos moradores da ocupação Bubas através do grafite. A linguagem do grafite foi escolhida por ser historicamente uma forma de expressão de existências invisibilizadas pelo sistema opressor que divide desigualmente as cidades e centraliza os espaços de acessos aos bens culturais conforme a classe, gênero e raça. Nesse sentido, tomamos a arte do grafite como uma forma de democratizar este acesso, de voltar o olhar para as periferias e a partir delas reconhecer, valorizar e manifestar artisticamente a memória popular. O projeto realizado no ano de 2019, contou com um coletivo de artistas e produtores culturais da Universidade Federal da Integração latino-americana (UNILA) que junto aos moradores da ocupação Bubas, o maior assentamento urbano do oeste do paraná, localizado na região do Porto Meira, em Foz do Iguazu, pintou mais de 30 paredes e muros das casas. A proposta surgiu para colaborar com uma visão de urbanização pensada no contexto da arte como instrumento da memória popular para requalificação da paisagem e valorização do espaço comum. e, principalmente, dar visibilidade à luta pela moradia digna.

Palavras-Chave: direitos culturais; gestão cultural; muralismo na ocupação Bubas; paisagem; território

### Resumen

Entendiendo el arte como una forma de expresión y construcción creativa de la vida, de los sujetos y del territorio, el proyecto fue diseñado para reconocer y dar visibilidad a la memoria individual y colectiva de los residentes de la ocupación Bubas a través del graffiti. Se eligió el lenguaje del graffiti porque es históricamente una forma de expresión de existencias invisibles por el sistema opresivo que divide desigualmente las ciudades y centraliza los espacios de acceso a los bienes culturales según la clase, el género y la raza. En este sentido, tomamos el arte del graffiti como una forma de democratizar el acceso, dirigir nuestra mirada hacia las periferias y desde allí reconocer, valorar y manifestar artísticamente la memoria popular. El proyecto realizado en 2019, contó con un colectivo de artistas y productores culturales de la Universidad Federal de Integración Latinoamericana (UNILA) que junto con los habitantes de la ocupación Bubas, el asentamiento urbano más grande en el oeste de Paraná, ubicado en la región de Porto Meira, en Foz de Iguazú, pintó más de 30 paredes y paredes de las casas. La propuesta surgió para colaborar con una visión de urbanización pensada en el contexto del arte como instrumento de memoria popular para la recalificación del paisaje y la mejora del espacio común. y, sobre todo, dar visibilidad a la lucha por una vivienda digna.

Palabras claves: derechos culturales; gestión cultural; muralismo en la ocupación Bubas; paisaje; territorio

## 1. Introdução

---

<sup>1</sup> (Doutorado em Comunicação Social pela UFMG; relações públicas da UNILA; Foz do Iguazu, Paraná, Brasil; [michele.dacas@gmail.com](mailto:michele.dacas@gmail.com)).

O projeto “*Muralismo na ocupação Bubas: histórias de vida e território*” foi um meio de deslocar ou bem melhor dizer, de propor inverter a lógica dos lugares das expressões artísticas da cidade. Mesmo em locais com alguma política cultural local é possível observar a centralidade de atores e das ações e pouca ou quase inexistência de uma estrutura descentralizada de equipamentos e de meios de difusão das expressões culturais da periferia. Por exemplo, quando nos perguntamos onde fica o teatro, o centro cultural, as salas de exposições, os cinemas, os ateliers artísticos das cidades, geralmente a resposta é em regiões centrais e bairros de classe média a alta. A distribuição dos aparatos da cultura é centralizada, e sobretudo uma questão de classe e interseccional à raça e gênero. É como se a cultura nas favelas, e/ou a cultura comunitária, só pudesse existir de forma organizada se for autogestionada. E não há problema que assim também o seja, porém é importante a intervenção, o fomento e cooperação com organismos públicos capazes de prover estes espaços e incentivar a emergência de agentes culturais e organismos de cultura periféricos. Sem políticas públicas voltadas para descentralizar a cultura e que promovam e consolidem iniciativas nas comunidades a dificuldade para uma população que vive em situação de pobreza ou que depende de vender praticamente a totalidade da sua força de trabalho e do seu tempo a classe patronal não conseguirá consumir e fazer arte e cultura. Uma população que luta diariamente para comer, e pagar aluguel, com escassez de acessos a saúde e educação raramente é incluída nos circuitos culturais e com isso quem se ocupa de lugares de poder e formação de opinião acaba pro vezes esquecendo que a cultura é um dos direitos básicos da vida, garantida na constituição brasileira<sup>2</sup>, em seu artigo 215, o qual prevê que “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. No parágrafo primeiro do inciso V, coloca o poder público, com a colaboração da comunidade, como provedor e protetor do patrimônio cultural brasileiro. E ainda no artigo 216-A, inciso II, trata da universalização do acesso aos bens culturais e serviços culturais.

Uma população em situação de vulnerabilidade não reconhece e não possui instrumentos para lutar pela cultura como sendo seu direito, o que não quer dizer que na sua vivência diária não sinta essa necessidade e também de alguma forma, não produza cultura. E é essa questão, a cultura como direito básico, como uma necessidade que pulsa e vibra por meio dos territórios e pelas pessoas é que tomamos como um dos conhecimentos mais valiosos que apreendemos durante a experiência na ocupação Bubas. Naquele momento, início de 2019, ainda era uma ocupação, o maior assentamento urbano do oeste do paraná. Hoje, não ha mais risco de despejo para os moradores do Bubas, o movimento por moradia nos últimos meses de 2019 conquistou judicialmente o direito de permanecer no bairro proximo a região do Porto Meira, local proximo ao corredor turístico, pois ali também se situa o marco das três fronteiras, e também a aduana que d acesso  argentina e mediaoes do aeroporto e dos grandes hoteis e parques, incluindo as cataratas, o que deixa ainda mais evidente a desigual divisão dos espaços urbanos. Também no início de 2019 foi o momento de difusão do primeiro edital e implantao do fundo municipal de cultura municipal que contemplou esta ao. O projeto foi realizado com o custo de 20 mil reais, contando com impostos, compra de materiais e ainda com apoio e voluntariado de artistas e produtores que receberam um valor simbólico pela participao, mas motivados pela experiência do que pelo valor de contrato. Parte da força de trabalho e apoios em logística foram providos ainda pela UNILA, e colaboraram para que a

---

<sup>2</sup> Constituio da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988

ação pudesse ser desenvolvida. Infelizmente em uma cidade como Foz do iguaçu o percentual que se destina para a cultura que parte da sociedade civil é irrisório, mesmo sendo u local de intensos fluxos de pessoas, e de arrecadação turística e de exploração intensa de recursos naturais, a cultura local e o desenvolvimento territorial não estão no radar das grandes corporações e de forma minimizada, está presente no debate do município. E se pensarmos nacionalmente, é importante destacar que quando iniciamos o projeto, já não havia mais ministério da cultura, e o processo de desmonte das políticas e esgotamento do setor e dos trabalhadores culturais já estava em curso e ganhando folego com as disputas ideológicas perpetuadas pelo governo federal.

Neste cenário, é que surgiu a ideia de que a arte e a cultura deveria ser um direito a brotar de todo e qualquer chão. Uma ideia concretizada com o projeto que buscou aliar-se a luta pela moradia e com isso intervir a partir da técnica do grafite fundamentada nos relatos e na memória dos moradores da ocupação Bupas. O muralismo foi um meio de ampliar o entendimento do exercício do direito à cultura apenas como um ponto de acesso, pois a favela é também local de criação, de construção de subjetividades e de memória capazes de dizer outras formas de ver e viver o mundo que podem ser referências também para outros perímetros urbanos.

## **2. Requalificação da paisagem a partir de memórias, arte e afetos**

O trabalho de pesquisa de campo do projeto durou dois meses e nele a equipe de muralistas, gestores culturais e estudantes de antropologia conheceram algumas histórias dos moradores e da luta coletiva da ocupação por moradia. Sendo esta a primeira etapa de produção do projeto, a captação de histórias, mapeamento e autorização das casas. Nessa etapa que realizamos entrevistas para conhecer um pouco da história dos moradores e também da ocupação como um todo. Além de conversar sobre a arte do grafite e investigar o conhecimento e referências deles por desenhos e cores. As casas foram mapeadas conforme visualidade da área ser pintada a partir da rua, indicação dos próprios moradores e algumas pessoas da equipe que já haviam trabalhado em algumas ações no Bupas. As casas iniciais a serem mapeadas foram indicadas na oficina com os jovens da AFA (Associação Fraternidade Aliança), residentes na ocupação Bupas, realizada no pavilhão central da comunidade. A partir da conversa com eles durante as oficinas de grafite, foi possível iniciar o projeto a partir de rotas de suas próprias casas. O Objetivo da atividade foi aproximar e despertar os adolescentes para as diferentes técnicas que envolvem o grafite.

Assim, as pesquisas iniciaram com visita as casas indicadas pelos jovens nas oficinas e também com aproximação em campo com os moradores e lideranças da ocupação. Conforme iam indicando as casas, fazíamos as visitas, avaliávamos as paredes com maior visibilidade para as ruas e espaço para as pinturas, coletávamos histórias, escutávamos. É importante pontuar que nem todas as conversas, visitas aos moradores resultaram posteriormente nos murais, algumas vezes por questões de logística, distribuição das casas de forma mais equitativa pelo bairro ou até mesmo desistência dos moradores, foi alterando de modo constante a rota dos grafites na ocupação. Outra questão relevante é o diálogo empreendido nessas pesquisas, a dificuldade em criar essa noção do comum por algo que deveria resultar no trabalho “entre” as partes e não a partir de um dos lados. O projeto não se tratava de uma prestação de serviços, a criação dos desenhos a partir dos desejos dos moradores e tampouco deveria surgir da imposição de um ideal de arte da equipe. Esse desenvolvimento do comum a

partir do trabalho que surge dessa relação e diálogo “entre” as partes foi um dos maiores desafios e pontos de debate entre a equipe. Um exemplo é que muitos moradores solicitavam a pintura de temas religiosos, futebolísticos, ou com relação a objetos de consumo. A questão é que a valorização do comum através dos desenhos não poderia empregar nas paredes um desejo individual, a proposta era a construção da memória coletiva da ocupação, também com elementos individuais, mas que refletissem a coletividade de modo geral e que identificassem não somente quem cedia a casa para a pintura, mas a vizinhança e quem passasse pelas ruas do Bubas. Dessa forma, destituir parte da equipe dessa noção de serviço, e das pessoas da comunidade de que não teriam na parede pintadas conforme seus desejos, como frases da bíblia, o mascote do time de futebol, o carro, e o seu automóvel exigiu dessa fase de pesquisa muito diálogo e reflexão sobre o papel da arte na construção do bem comum.



Quadro 1 – trabalho de pesquisa de campo. Fonte: acervo do projeto

“Diego aluno da AFA quer fazer filosofia na Unila, 17 anos. Sua mãe, Feliciano é paraguaia, fala espanhol e Guarani, trabalha como vendedora. Seu pai, Adilson Francisco é brasileiro. Chegaram há 4 anos na ocupação a convite de um amigo. A maior dificuldade para eles foi a falta de serviços básicos, água luz, o matagal, mosquitos e o barro. O que eles mais gostam do Bubas é da tranquilidade. Segundo eles as pessoas se ajudam, quando uma casa pegou fogo, os moradores resolveram tudo antes dos bombeiros. Autorizaram a pintar o muro que vão construir na próxima semana, em junho estará pronto. Indicativo de desenhos com referência a cultura guarani (nanduti, frases em guarani)”. Casa 90, lote 63, Rua Guarani

Informações como a exposta acima, extraídas de anotações de uma das pesquisas, deram corpo a pesquisa que serviu de base para iniciarmos a realização da segunda etapa onde cada muralista fez o planejamento das ilustrações com os moradores das casas autorizadas. Na elaboração dos desenhos foi possível aprofundar o diálogo porque a criação surgia a partir da conversa mais próxima dos muralistas com os moradores e permitiu adentrar ainda mais no campo das memórias. E quando falamos em memória não significa apenas trabalhar com elementos de um passado, mas de criar a partir das referências que permitem a noção de pertencimento e comunidade dos moradores e que permanecem e se fazem presentes no território, nas relações afetivas, nos conflitos e dificuldades. Ou seja na noção do comum que muitas vezes o sistema capitalista em todas as suas reproduções da desigualdade insiste em deixar invisível. Com isso criamos imagens a partir das histórias dos primeiros moradores que chegaram no Bubas quando ainda não havia as quadras e as casas levantadas, contaram eles

que eram moradas de lona e papelão. Também muitas menções a natureza tão próxima por conta da localização acerca do marco das três fronteiras e cataratas, mas ao mesmo tempo tão longe pela restrição do circuito turístico para poucos que temos na cidade de Foz do Iguaçu. Ainda assim, os elementos dessa natureza exuberante perpetua o imaginário dos moradores e fez parte de muitos desenhos.

Com base nessas memórias, foram grafitadas 30 casas e espaços comuns do Bubas. Nesse processo, a participação dos moradores se deu ajudando nas pinturas, porém a maior parte dos interessados em pintar eram as crianças que observavam os muralistas e tinham mais segurança e se entregaram ao grafite. Moradores participaram também intervindo no suporte das pinturas, ou seja, as modificações que empreenderam nas próprias casas, inseriram luzes, pisos, cercas, plantas, construções de muros para valorizar as pinturas. Ou participaram com o simples acompanhamento, acolhendo cada muralista que pintava suas histórias em suas casas. Com o início dos grafites o projeto foi se tornando visível no bairro e a procura dos moradores aumentou significativamente oferecendo suas moradas para os grafites. Também foi possível observar que casas não-mapeadas pelo projeto começaram a ser pintadas pelos próprios moradores, algumas com inspiração em traços de paredes pintadas pelos artistas.

Abaixo segue a relação de algumas casas pintadas, seu visual antes e depois:



Quadro 2 – casas pintadas, antes e depois da intervenção. Fonte: acervo do projeto

### 3. Conclusões

O objetivo e o sentido da expressão requalificação da paisagem não passa somente pela estética vibrante dos aerosóis do grafite nas paredes das 30 casas, mas do encontro da

arte com a memória popular, dos artistas e produtores com os moradores. Muitos afirmavam que passaram a se sentirem vistos com nossa atenção em ouvir histórias e caminhar pelas ruas e interagir com a vizinhança. Outros sentiram-se reconhecidos porque compreendem o estigma do morador da favela, que não é visto como trabalhador, ou como família, como pessoas que almejam segurança, dignidade e futuro. E praticamente todo mundo ali com o passar dos meses queria pintar uma história e também a mídia passou a circular para falar de arte e não de violência na ocupação. Os muros, as paredes de madeira e as telhas perfuradas pelas chuvas quando passaram e receber cores e pinceladas se tornaram ainda mais sólidas naquele território de lutas. A narrativa da ocupação precisa ser lembrada, mesmo em um novo cenário como este apresentado pela regulamentação e a conquista do direito de permanecer, a arte produziu ali um espaço de memória, mas também de cidadania e não deve se findar com esse projeto. Os moradores do Bubas e de outras periferias precisam ser incluídos nos circuitos da cultura, numa perspectiva de democratização da cultura pelo acesso, mas também pela produção. Outras questões surgiram antes mesmo dos murais aparecerem, como a noção de comunidade e a política do comum que o projeto deveria reforçar. Essa noção veio dos próprios moradores, quando pensávamos que encontraríamos pessoas com relatos de dificuldades dada a situação vulnerável de moradia, muito o que ouvimos é que a vida difícil existia antes deles chegarem na ocupação, que não davam conta de pagar aluguéis cada vez mais supervalorizados e que ali no Bubas, encontraram acima de tudo, coletividade. Por conta de tudo isso, e mais observações que não cabem ainda nesse relato, e que precisam ser amadurecidas, é que pensamos que o projeto deve continuar, com um eixo mais sólido na questão das oficinas de grafite para crianças, pois é preciso multiplicar a técnica e o fazer artístico, as referências estão na ocupação e os talentos potenciais também. Pensamos que é preciso ter permanência e o trabalho criativo deve ser apropriado pelos moradores ser a ponte para a cidadania, além das necessidades de iluminação, saneamento e coleta de lixo que virão junto com a regularização da ocupação Bubas.